

Descrição fonético-fonológica da monotongação no português falado em Angola como influência das línguas bantu

Celestino Domingos Katala *

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0001-7956-0139>

João Domingos Pedro **

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0001-8041-776X>

Resumo: Este artigo visa fazer reflexões sobre a percepção da monotongação na fala tendo como base Alan Reis Da Silva (2019) e Maricélia da Silva Anselmo (2011). Consideramos ser um assunto pouco abordado e que, em nosso entender, constitui um dos temas interessantes para uma maior compreensão das variedades do português, sobretudo na realidade angolana, no tocante às línguas bantu. É sobre este prisma que o nosso estudo versa, pois o objetivo é entender este fenômeno e as suas implicações em falantes cuja ocorrência seja frequente e preveni-los da possível estigmatização por parte de quem não domina o assunto. Sendo o fenômeno da monotongação cada vez mais patente nos diálogos, até mesmo na fala das pessoas devidamente escolarizadas cuja língua materna é ou não uma bantu, veem a configurar-se como uma realidade e a ganhar cada vez mais espaço dentro da própria língua portuguesa, não como um desvio, porém, como um fenômeno independente dentro da língua portuguesa. Baseando-nos em postulados linguísticos já formulados, mesmo deixando de lado as variedades populares e outras, como dialectais e restringindo-nos à norma, a dimensão e a natureza dos fenômenos registrados, com realce à monotongação, apontam para a consolidação irreversível de uma norma angolana do português, diferente da do português europeu e da do português brasileiro.

Palavras-Chaves: Descrição; Fonética; Fonológica; Monotongação; Influência, Línguas Bantu, Português

Phonetic-phonological description of monotongation in spoken portuguese in Angola as an influence of bantu languages

Abstract: This article aims to reflect on the perception of monophthongization in speech based on Alan Reis Da Silva (2019) and Maricélia da Silva Anselmo (2011). We consider it to be a subject that has not been addressed much and that, in our view, constitutes one of the interesting topics for a better understanding of the varieties of Portuguese, especially in the Angolan reality, with regard to the Bantu languages. It is in this light that our study is concerned, as the objective is to understand this phenomenon and its implications for speakers whose occurrence is frequent and to prevent them from possible stigmatization by those who do not know the subject. As the phenomenon of monophthongization is increasingly evident in the dialogues, even in the speech of

* é licenciado em Língua e Literatura em Língua Portuguesa, pela Faculdade de Letras da Universidade Agostinho Neto-Angola, é escritor e professor de Língua Portuguesa e de Literatura Angolana no Instituto Politécnico; é vencedor do Prêmio Imprensa Nacional de Literatura Edição 2021; É membro do Movimento dos Novos Intelectuais de Angola, investigador em Ciências Humanas com realce para o ensino da língua Portuguesa vs línguas bantu em Angola. Possui vários artigos científicos publicados em revistas internacionais. E-mail: julianangolar@gmail.com

** É Mestre em Linguística do Português, Docente da Universidade Njinga A Mbande-Angola, no Instituto Politécnico, onde ministra as cadeiras de Língua Portuguesa, Metodologia de Ensino do Português L2, Técnica de Comunicação Oral e Escrita, Sintaxe e Semântica do Português. É pesquisador nas áreas de Didática e Metodologia do Ensino do Português e do Inglês, Comunicação e Linguagem. É Docente convidado pelo Instituto Superior Politécnico Cardeal Dom Alexandre do Nascimento atuando nas Cadeiras de Linguística do Português, Sintaxe e Semântica do Português e Literatura Brasileira. Publicou vários artigos publicados em revistas internacionais nas áreas descritas. E-mail: kalendaneto23abril@gmail.com

properly educated people whose mother tongue is a Bantu or not, they see themselves as a reality and gaining more and more space within the Portuguese language itself, no longer as a deviation, however, as an independent phenomenon within the Portuguese language. Based on linguistic postulates already formulated, even leaving aside popular and other varieties, such as dialects and restricting ourselves to the norm, the dimension and nature of the registered phenomena, with emphasis on monophthongization, point to the irreversible consolidation of a norm Angolan language from Portuguese, different from that of European Portuguese and Brazilian Portuguese.

Keywords: Description, Phonetics, Phonological, Monophthongization; Influence; Bantu Languages; Portuguese

Isifinyezo (Zulu): Lesi sihloko sihlose ukukhombisa umbono we-monophthongization enkulumweni esekelwe ku-Alan Reis Da Silva (2019) kanye no-Maricélia da Silva Anselmo (2011). Sikuthatha njengesihloko esingakaxoxwa kakhulu futhi, ngokubona kwethu, sihlanganisa esinye sezihloko ezithakazelisayo zokuqonda kangcono izinhlobonhlobo zesiPutukezi, ikakhulukazi eqinisweni lase-Angola, mayelana nezilimi zesiNtu. Kungalesi sizathu ucwaningo lwethu, njengoba inhloso kuwukuqonda lesi sigameko kanye nemithelela yaso ezikhulumini ezivame ukwenzeka kanye nokugwema ukucwaswa okungenzeka yilabo abangasazi isifundo. Njengoba isimo se-monophthongization sibonakala ngokuqhubekayo ezingxoxweni, ngisho nasenkulumweni yabantu abafundile kahle ulimi lwabo lwebele luyiBantu noma cha, bazibona bengokoqobo futhi bethola indawo eyengeziwe ngaphakathi kolimi lwesiPutukezi ngokwalo, hhayi njenge-Bantu. ukuchezuka, nokho, njengento ezimele ngaphakathi kolimi lwesiPutukezi. Ngokusekelwe emibhalweni yolimi eseyakhiwe kakade, ngisho nokushiya eceleni okudumile nezinye izinhlobo, njengezilimi zesigodi kanye nokuzibekela umkhawulo kunkambiso, ubukhulu kanye nemvelo yezenzakalo ezibhalisiwe, ngokugcizelela ku-monophthongization, kukhomba ekuhlanganisweni okungenakuhlehliswa kolimi lwase-Angola olujwayelekile. isiPutukezi, esihlukile kwesesiPutukezi saseYurophu nesiPutukezi saseBrazil.

Amagama angukhiye: Incazelo; Ifonetiki; Ifonetiki, I-Monophthongization; Ithonya; Izilimi zesiNtu; isiPutukezi

Breves considerações

Angola é um país multilíngue no qual encontramos línguas bantu, línguas neolatinas e as khoisan. Dentre todos os grupos citados, as línguas bantu constituem o maior mosaico linguístico do país, pois que a maior parte da população tem-na como língua materna. Antes da independência, quando o país estava sob o domínio colonial, foram proibidas o ensino em línguas bantu nas escolas portuguesas pelo decreto de 1919 ratificado pelo alto Comissário da República para a colônia de Angola, Norton de Matos, com o qual acabou dando uma maior abertura à língua portuguesa inibindo as línguas bantu.

Após o país se tornar independente, as línguas bantu ganharam o estatuto de línguas nacionais, coabitando ao mesmo tempo com o português que ganhou o estatuto de oficial, isto é, tornando-se em língua da administração pública e do ensino formal. Existe no país aproximadamente 15 línguas bantu, subdivididas em mais de 100 dialetos espalhados no interior, segundo Guthrie (1948, p. 91), as línguas bantu de Angola fazem

parte da família congo-cordofaniana, encontrando-se distribuídas em grupos e subdivididas em três zonas que são H, K e R.

a) Zona H: abrange o Norte e o Noroeste do país, nela sobressaem dois grandes grupos etnolinguísticos: mbundu e bakongo. O primeiro grupo, kimbundu é a língua dominante, numa área geográfica que abrange as zonas históricas correspondentes às actuais províncias de Bengo, Luanda, Kwanza-Norte, Malanje e parte de Kwanza-Sul. No segundo grupo kikongo é a língua dominante e corresponde, no caso de Angola, às províncias de Cabinda, Zaire e Uige;

b) Zona K: quanto a região Leste, é representada pelos lunda-cokwe e “ovangangela”, cujas línguas cokwe e “ngangela” são mais representativas. Tais línguas cobrem vastas regiões correspondentes, entre outras, às actuais províncias de Lunda-Norte, Lunda-Sul, Moxico, Bié, Kwandu kubangu;

c) Zona R: ocupa o Centro-Sul, onde se podem encontrar vários grupos etnolinguísticos entre os quais ovimbundu, “ocindonga”, owambo, Nyaneka-Nkhumbi e Ovahellelo. Entretanto, Umbundu é a língua mais representativa na parte sul do país e compreende as províncias do Huambo, Bié e Benguela.

Todos esses grupos etnolinguísticos são acompanhados de diletos diversos. Segundo o censo da população angolana realizado pelo Instituto Nacional de Estatística de Angola em 2014, o principal grupo sociocultural de Angola é o dos ovimbundu que se concentra no centro-sul do país e o segundo grupo majoritário é o dos ambundu que representa a quarta parte da população. O nosso estudo tem como base a língua kimbundu, dada a sua utilização frequente desde a era colonial pelos assimilados, pelo fato de ser a que serviu de interação desde cedo com o português e por ter criado interferências e influências mútuas, como se pode ver nas músicas feitas na era colonial e até mesmo nos livros, certas palavras advindas do kimbundu para o português, fixaram-se e criaram raízes. Províncias como Malanje, Luanda, Bengo e Kwanza-Norte onde houve muitos assimilados que tinham como língua materna o kimbundu, acabaram por levar, fortemente para o português, características prosódicas das línguas bantu, e a questão da monotongação é um destes fenômenos.

A monotongação é um fenômeno que, por meio de uma alteração fonética, reduz o ditongo, encontro entre vogal e semivogal, a uma única vogal. Pois, tal como afirmam Sassuco (2007), Barros (2002), Viti (2012) e Zavoni (2002), as línguas românicas tendem em muitos casos, apagar ou transformar os ditongos ou tritongos em simples vogais ou

monotongo. Entretanto, procuramos ilustrar este fenômeno numa abordagem diacrônica e sincrônica da língua portuguesa tendo como base as línguas bantu. É neste sentido, que abordamos a descrição fonético-fonológica da monotongação no português falado em Angola, fruto da influência das línguas bantu, dada a relação bilingue/plurilingue que coabita no seio de muitos falantes impulsionados por esta realidade, produzindo um conjunto de interferências que se vão manifestar na fala e muitas vezes na escrita desses falantes.

A monotongação necessita ser compreendida, não só em relação aos fatores intrínsecos, isto é, estruturais à língua que motiva a sua ocorrência, mas também em relação às questões que vão além da estrutura, os fatores extralinguísticos. Neste quesito, é importante realizar uma reflexão da língua materna e os seus usos através da teoria da sociolinguística variacionista. É neste sentido que teremos como indicador para a construção deste estudo, a teoria Sociolinguística Variacionista de William Labov, cujos estudos da variação linguística forneceram respostas claras para muitos problemas que não eram resolvidos por uma visão discreta da estrutura linguística.

O fenômeno fonético-fonológico da monotongação motivada pela influência das línguas bantu e/ou pelo baixo nível de compreensão dos aspectos normativos da língua e/ou pela falta de interesse de usar uma norma culta em rigor na oralidade constituem, possivelmente, dentre muitos fatores, razões deste fenômeno. Esta realidade levou-nos a questionar o seguinte: Será a monotongação uma influência das línguas bantu no Português falado em Angola?

A realidade plurilíngue coabitante no território angolano cria variações acentuadas no português, por isso, vimos a necessidade de abordar esta temática relativa à influência que as línguas bantu exercem e continuam a exercer no português como uma maneira de contribuir para uma maior compreensão dos fenômenos que ocorrem no falante bilingue e compreender o porquê destes fenômenos. Dessarte, temos como objetivo explicar o processo fonético-fonológico, da monotongação o qual não ocorre apenas por via da influência das línguas bantu, mas também como configuração da lei do menor esforço por parte de falantes cuja língua materna é a língua portuguesa.

Em sede disso, a pesquisa perfaz-se em trazer uma abordagem hodierna, mas pouco discutida pelos pesquisadores e que, a nosso ver, constitui um tema imprescindível para melhor compreensão deste fenômeno e, conseqüentemente, desta nova variação que se registra cada vez mais no português de Angola. Nesse sentido, a pesquisa em excerto apresenta uma visão teórica, conceptualizando os termos e proceder a descrição

destes fenômenos que ocorrem na fala e, por fim, propor sugestões as quais podem trazer uma melhor compreensão e explicação do fenômeno monotongação.

1. Descrição e a Influência linguística

Do latim (*descriptiōne* «relacto das características ou traços distintivos de um fato, lugar, paisagem, pessoa, etc.»). É uma narração detalhada sobre algo que acontece através da enumeração de características ou eventos. Uma descrição é marcada pela presença de verbos de ligação, esses verbos não buscam expressar ações, mas sim interligar os sujeitos às características que se deseja mencionar no relato. (<https://www.significados.com.br/descricao/>, 2011) acessado em 12 de Março de 2020. Diante do exposto acima, recorreremos ao processo de análise descritiva que, segundo De Sousa (2007, p. 22) fornece métodos explicativos, ou seja, formam-se o corpus da pesquisa com os quais se analisam o processo de monotongação.

A Descrição fonética é um método mais ou menos formalizado de transcrever os sons de uma ou várias línguas. Esta transcrição normalmente aproxima-se de maneira padrão de pronunciar determinada língua. As variantes dialectais e individuais são dificilmente representadas na transcrição. As variantes de um mesmo fonema (alofonia) são quase nunca representadas, (https://www.pt.m.wikipedia.org/wiki/transcricao_fonetica, 2001) acessado em 12 de Março de 2020.

Entende-se por Fonética a disciplina linguística que se ocupa dos sons da fala, estuda as suas características e fornece métodos para a sua descrição e classificação. Quer dizer que a fonética é o ramo da Linguística que se ocupa do estudo dos sons da fala, partindo da sua produção e realização até à sua percepção (Oliveira, 2000, citado por Sassuco, 2007, p. 17). A fonética é uma área da linguística que surge no século XIX e tem principal função o estudo das partículas, fones ou sons da fala, cada letra é estudada de forma independente e representado em colchetes [], em palavras como Pauta teremos: [p], [a], [u], [t] e [a]..

A fonologia é a ciência que estuda os sons da linguagem do ponto de vista da sua função no sistema da comunicação linguística. (<https://slideplayer.com.br/slide/1353595/>) acessado aos 10 de Abril de 2022. Neste contexto, define-se como um dos níveis da descrição linguística que se ocupa do estudo sistêmico dos sons e visa identificar os fonemas. Analisa a função distintiva dos sons da fala, quer prosodicamente (tons), quer foneticamente (vogais e consoantes). (Sassuco, 2007, p.36). A fonologia estuda os sons da língua, ou seja, preocupa-se com a função linguística de cada partícula que constitui

os elementos da fala. Nota que na palavra [hoje] temos os fones /h/, /o/, /j/ e /e/. São, todavia, quatro letras, porém dentro da fonologia temos apenas três fonemas [o], [j] e [e], pelo que o h dentro da fonologia não é um fonema, porque não tem som.

O contexto espacial no qual está inserido o sujeito representa a influência que o espaço exerce sobre ele. O desenvolvimento linguístico de um falante é influenciado pelos fatores socioculturais. Foucault (2000, p. 12) diz que a linguagem mantém relação estreita com o espaço. Ela não é desenvolvida no interior de cada ser humano, mas influenciada pelo meio exterior a si mesma, “desde o fundo dos tempos, a linguagem entrecruza-se com o espaço”.

Da mesma forma, Labov (2008, p. 20) diz que toda mudança linguística é influenciada pelo contexto em que o falante vive, sendo que “nenhuma mudança ocorre num vácuo social. Até mesmo a mudança em cadeia mais sistemática ocorre num tempo e num lugar específico”. No nosso entender, o contexto sociocultural influencia o discurso, pois este não é um ato livre do sujeito ou de sua consciência, mas influenciado pelos determinantes socioculturais. Todos os fatores socioculturais da vida do sujeito influenciam significativamente a sua forma de se expressar linguisticamente. Desse modo, ocorre influência linguística quando um falante é bilíngue ou pretende se tornar. Os elementos da primeira língua se repercutem fortemente para os elementos da segunda língua. No caso do português vs. línguas bantu, por exemplo, vemos como é utilizado o advérbio de exclusão **só** ou **somente** por falante cuja língua materna é uma bantu.

Por exemplo: Quando um falante cuja língua materna é bantu diz: "**Me dá só pão***" ou "**Dê-me só pão**", para alguém que esteja a comer pão mais alguma coisa, entende-se que não quer somente o pão. Contudo, o advérbio neste caso não tem a função de excluir, porém exprimir simplicidade ou humildade da parte de quem tem. Esse fenômeno é influenciado pelas línguas bantu uma vez que elas não apresentam uma palavra específica para exclusão. Em kimbundu se diz "**ngui bane mbolo**" para exprimir a intenção. Quanto a isso, o mesmo sucede com a construção das frases seguindo a ordem proclítica e não enclítica nas frases declarativas ou afirmativas.

- Por ex.: a) **Eme nga kuzolo kyavulu**- kimbundu
b) **Eu amo-te muito**- Português europeu
c) **Eu te amo muito**- Português angolano

Tal como podemos ver no exemplo c), do português de Angola, o falante que se procede assim, fá-lo pela experiência linguística que traz da língua materna que é uma

bantu, onde todos os pronomes átonos independentemente da natureza da frase são proclíticos. Ainda em expressões como “kapeixe ou kametade”, nota-se claramente uma forte influência das línguas bantu, concretamente o kimbundu para o português através da marca do diminutivo das línguas bantu “ka” mais uma palavra da língua portuguesa no grau normal. A somatória do grau normal mais a partícula do diminutivo das línguas bantu, é igual ao diminutivo das palavras em língua portuguesa. Assim as palavras “kapeixe” e “kametade” querem dizer “peixinho” e “metadinha”. O mesmo acontece com as palavras no aumentativo e tudo isto é devido à influência linguística.

2. O ditongo e a monotongação

O ditongo é um dos elementos linguísticos existentes nas línguas de modo geral, sobretudo as de origem indo-europeia e sua existência na língua portuguesa é registrada desde o latim aos nossos dias. Porém, há uma excepcionalidade nas línguas bantu, a qual uma sílaba tem tendência a ditongar, contrai-se a semi-vogal /i/ e /u/ em semi-consoante das línguas bantu /y/ e /w/ evitando assim ditongos nestas línguas.

Na visão de Catford (1988, citado por de Aragão 2014, p. 23), ditongos são sequências: [...] percebidas não como dois elementos em separado, mas como um som de transição, de ligação, que se inicia no primeiro elemento e liga-se ao segundo. A língua portuguesa possui, atualmente, em condições normais 36 ditongos, sendo 15 decrescentes e 21 crescentes, do seguinte modo:

- Decrescentes

Orais: [aj, Ej, ej, ój, oj, uj, aw, Ew, ew, iw]

Nasais: [ãj, ãj, õj, õj, ãw]

- Crescentes

Orais: [ja, jE, je, ji, jó, jo, yu, wa, wa, we, wi, wó, wo, wu]

Nasais: [jã, jẽ, jõ, wã, wẽ, wĩ, wõ]

Em direção contrária à ditongação, a monotongação é vista como uma redução do ditongo à vogal simples ou pura, por um processo de assimilação completa. A monotongação é, segundo Trask (1996, p. 226): “qualquer processo fonológico no qual um ditongo é convertido em monotongo”. No entender de Câmara Jr. (1979, p. 170), ao falar sobre monotongação reforça seu caráter puramente fonológico ao mostrar que apesar do ditongo ser monotongado, na grafia ele permanece. Estudos acerca deste

fenômeno, a monotongação, mostram que a sua ocorrência é mais acentuada nos falantes que tiveram pouco contacto com a modalidade escrita, ou seja, não tiveram um desenvolvimento escolar satisfatório. (Anselmo, 2011, p. 18).

Esta visão de Anselmo mostra-se meio ultrapassada, pois atualmente este fenômeno tem-se manifestado com bastante frequência não apenas na fala de pessoas que tiveram pouco contacto com a modalidade escrita, mas em quase todos. O fenômeno da monotongação vem-se mostrando como uma nova maneira de pronunciar as palavras, em falantes cuja língua materna é a portuguesa; e, fazem-no pela necessidade de economizar tempo no discurso, isto independentemente de terem muito ou pouco contacto com a modalidade escrita. Hodiernamente, o fenômeno da monotongação registra-se não apenas em camadas menos escolarizadas. Crianças, adultos, homens e mulheres de todas as esferas sociais incorrem a este processo devido a razões implícitas e naturais ao próprio falante, como é o caso de onde nasceu e cresceu.

3. Características fonológicas das línguas bantu de/em angola: Caso das vogais e sílabas

Segundo Martinet (2010, citado por Sassuco (2018, p. 29), nas línguas bantu, as vogais são todas orais e são classificadas em função do grau de abertura. Isso não se pode confundir com abertura que concerne a boca e o volume da ressonância. (i)A participação dos lábios está ligada a distinção das vogais arredondadas e não arredondadas. Logo, as arredondadas são posteriores e as não arredondadas são anteriores;(ii) De igual modo, os graus explicam que o primeiro é das vogais fechadas, o segundo para as semi-abertas e o terceiro a única, como se pode observar no quadro abaixo.

Quadro 1: Classificação das vogais nas línguas bantu

Gau	Anterior	Central	Posterior
1°	[i]		[u]
2°	[e]		[o]
3°		[a]	

Fonte: Sassuco (2018, p. 29)

De uma forma geral, podemos dizer que as línguas bantu são línguas monotongadas, ou seja, não têm ditongos. Quando uma palavra tende a formar um ditongo, faz uma contração entre as vogais de modo a evitar este fenômeno, tal como se

pode constar na representação a seguir. A vogal <u> diante de outras vogais transforma-se em semi-vogal <w> tal como nos seguintes casos:

Quadro 2: contração da vogal "u" nas línguas bantu

u + a	u + e	u + i	u + o	u + u
Wa	we	Wy	Wo	Wu

Fonte: Nossa adaptação

Exemplo: 1

Kikongo: mu + ana = m**w**ana <criança>

Kimbundu e kikongo: u + iki = **w**iki <mel>

Cokwe: mu + ono = m**w**ono <vida>

Umbundu: omu + enge = om**w**enge <cana-de-açúcar>

1. A vogal <i> diante de outras vogais também se transforma em semi-vogal <y> como nos seguintes casos.

Quadro 3: contração da vogal "i" nas línguas bantu

i + a	i + e	i + i	i + o	i + u
Ya	Ye	Yi	Yo	Yu

Fonte: Nossa adaptação

Exemplo: 2

Kikongo: mi + enze = myenze <virgens>

Kimbundu: ki + ala = kyala <unha>

Cokwe: li + embe = lyembe <pomba ou rola>

Umbundu: ovi + ongo = ovyongo <rim>

Uma vez as vogais contraídas desta maneira, não se pode ter palavras com ditongos a monotongar, porque dentre os fones consonânticos das línguas bantu, o <w> e <y> são semi-consoantes. Por essa razão, a realização delas nas palavras é obrigatória. Quanto à sílaba nas línguas bantu, Móren (1999, apud Massango 2016, p. 43), tradicionalmente ela tem sido separada em duas classes: pesada e leve. Este autor considera que esta dicotomia tem sido justificada pela forma como estes dois tipos de sílabas apresentam no que respeita à variedade de fenômenos fonológicos e morfológicos.

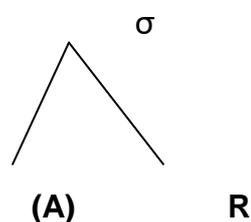
Segundo Breselow (1997, citado por Carlos 2016), em algumas línguas o peso da sílaba depende exclusivamente da duração da vogal e em outras, a consoante em posição de coda acrescenta o peso para as sílabas, para além de referir que o peso da sílaba é refletido na estrutura mórica. Ngunga e Simbine (2002, p.82) afirmam que:

a sílaba é um elemento importante na referência ortográfica. Nela distinguem-se duas partes, o núcleo (geralmente uma vogal) que pode ser ou não precedido de uma margem. Consoante simples (C0 ou modificada: pré-nasalizada (mC ou nC), seguida de uma semi-vogal (Cw ou Cy), ou ainda pré-nasalizada seguida de uma aproximante semi-vogal.

De acordo com Ngunga (2004, p.82 apud Wiesemann *at al.* (1983), sílaba pode ser definida como “unidade de som situada ao nível superior ao fonema”. Nas línguas bantu o núcleo é uma vogal breve ou longa, salvo nos casos em que a sílaba é constituída de nasal silábica. Na visão de Mateus e Rodrigues (2004, p. 67), “a sílaba que ocorre com mais frequência nas línguas do mundo é a sílaba aberta, CV, por essa razão denominada canónica, que possui uma consoante em ataque e uma vogal como núcleo da rima”.

Na perspectiva de Hyman (1975, apud Ngunga 2004, p.84), a sílaba é constituída por três partes fonéticas: ataque (margem pré-nuclear), núcleo e coda (margem pós-nuclear), embora para fins fonológicos o autor refira que apenas uma divisão binária entre ataque e rima é necessária, sendo esta última a estrutura básica nas línguas bantu, abreviadas informalmente por CV(V). Ainda nesta senda ,refere-se que as sílabas podem ser monomóricas (leves) ou bimóricas (pesadas), para além de poderem ser abertas (CV) ou fechadas (CVC).

Figura 1. Estrutura silábica nas línguas bantu segundo Ngunga (2014).



Onde: σ = sílaba

(A) = ataque

(R) = rima

Nas línguas bantu a divisão silábica deve começar do fim da palavra para o seu início, isto é, da direita para a esquerda, associando uma vogal a uma consoante (cv(v)),

como podemos verificar nos seguintes exemplos da língua kimbundu: khakha (kha-kha), nzala (nza-la) e kuvunda (ku-vu-nda). Fazem parte da sílaba, todas as modificações de consoantes, por exemplo: **a pré-nasalização** (nasais [m], [n] antes de uma consoante). Ex.: ngana, mvumu; **a aspiração** ([h] depois de uma consoante). Ex.: ohanga, kuseha e hombo; **a labialização** ([w] depois de uma consoante). Ex.: mwana, mwongo; **a palatalização** ([y] depois de uma consoante). Ex.: kyala.

As palavras ao serem grafadas não devem apresentar uma sequência de duas ou mais vogais diferentes, de acordo com a regra da resolução de hiatos aplicadas neste grupo de línguas tal como já nos referimos nos parágrafos anteriores. Por exemplo: **muana** (escrita incorreta); **mwana** (escrita correta), **mienze** (escrita incorreta), **myenze** (escrita correta). Neste caso, não podemos ter palavras com ditongos nas línguas bantu.

4. Metodologia e Análise dos dados

O presente artigo tem como indicador, a teoria Sociolinguística Variacionista de William Labov, cujo estudo da variação linguística forneceu respostas claras para muitos dos problemas que não eram resolvidos por uma visão discreta da estrutura linguística. Atendendo ao objetivo, a pesquisa é do tipo descritiva-qualitativa. No entender de Gil (2008, p.34), a pesquisa descritiva descreve as características de determinadas populações ou fenômenos. Uma de suas peculiaridades está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática.

Nesses termos, não nos preocupamos com a representatividade numérica, mas sim, com o aprofundamento da compreensão desse fenômeno social num grupo etnolinguístico, tal como nos postulam Gerhardt e Silva (2009, pp. 31-32). Para o presente estudo, apegamo-nos a classificação de Lakatos e Marconi (2003, p.106), que apesar de mencionarem diversos métodos, destacamos apenas representa aproximação voltada ao nosso estudo, no caso o **Indutivo** – cuja aproximação dos fenômenos caminha geralmente para planos cada vez mais abrangentes, partindo das constatações mais particulares às leis e teorias (conexão ascendente); a generalização deriva de observações de casos da realidade concreta e são elaboradas a partir de constatações particulares. **Quanto ao procedimento recorreremos a pesquisa bibliográfica:** desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente por livros e artigos científicos publicados.

Para o cumprimento do desiderato a que nos propusemos, selecionamos uma população de 100 elementos, constituída por docentes universitários e estudantes da

Faculdade de Humanidades da Universidade Agostinho Neto. Todos de nacionalidade angolana, com habilitações literárias entre o ensino médio concluído até ao Doutoramento. Quanto à população, registramos 31 professores e 69 estudantes. A amostra foi de 76 elementos correspondendo 82,5% em relação à população. Já para amostra selecionamos 24 docentes e 52 estudantes.

Nesta investigação, acorremos ao tipo de amostra não probabilística, pois se selecionou a população-alvo, tendo em conta os objetivos estipulados para a realização da mesma. Assim sendo, a amostra obedeceu a uma investigação qualitativa em que a técnica de amostragem foi à amostra não aleatória. Logo, o critério de seleção utilizada foi de conveniência, sendo que foi feita a todos os indivíduos que cumpriram com o critério de inclusão previamente definidos, tais como estar num nível académico alto e dominar as regras da língua ou a norma padrão.

Para realização deste estudo, recorremos ao questionário, a fim de obtermos as informações com vista a atender às finalidades específicas da pesquisa. Assim sendo, procedemos à observação direta que, na visão de Marconi & Lakatos (2003, p. 193), é possível presenciar os fatos que pretendemos estudar, pelo que, não quer dizer que a observação seja consciente, dirigida, ordenada para um fim determinado. Para documentar a experiência de campo, valemo-nos do recurso do diário de campo, no qual foram assinadas as situações vivenciadas e os comentários tendo em conta os instrumentos utilizados.

Apresentamos os ditongos do corpus, análise dos dados e a interpretação dos resultados. A seguir, apresentamos a discussão sobre as estatísticas absolutas do processo de monotongação. Para isto, o *corpus* dessa pesquisa foi constituído por 60 palavras com ditongos registrados oral e ortograficamente. Das 60 palavras, 3 correspondem às palavras com ditongos crescentes em [-ua], 3 às palavras com ditongos decrescentes em [-au], 7 às palavras com ditongo crescente em [-ia], 6 às palavras com ditongos decrescentes em [-ai], 6 às palavras com ditongos crescentes em [-io], 19 às palavras com ditongos em [-ei] e 16 às palavras com ditongos em [-ou].

Constituição do corpus, apresentação e análise

Quadro 4: Ditongos em /-ua/ e / -au/

PALAVRA	Transcrição Fonética PE	Transcrição fonológica	Transcrição Fonética PA
Pauta	[pəwta]	/Pauta/	[pawta]
Saudade	[səwdadi]	/Saudadi/	[sawdadi]
Igualar	[igwalar]	/Igualar/	[igwalar]
Suave	[swavi]	/Suave/	[suave]
Aula	[awla]	/Aula/	[awla]

Fonte: Dados da pesquisa

As palavras apresentadas neste quadro não sofrem o processo de monotongação, porque são ditongos **pesados ou verdadeiros**, com duas posições na rima e constituem uma sílaba complexa. É neste sentido que elas não sofrem ou incorrem a formas monotongáveis, mesmo em falantes cuja língua materna não é português. Se isso suceder, será devido a outros fatores e constituirá desvio tanto na fala quanto na escrita.

Independentemente do contexto fonológico seguinte, tonicidade da sílaba ou grau de instrução do falante, o que determina se ocorrerá, ou não, o apagamento da glide é o *status* fonológico desse ditongo. Nas palavras acima referenciadas, o *status* fonológico dos ditongos é categórico, não permite monotongação.

Quadro 5: Ditongos em /-ia (aj) e ai (ja)/

PALAVRA	Transcrição Fonética PE	Transcrição fonológica	Transcrição Fonética PA
Referência	[Rəfərəcja]	/Referença/	[Rəfərēja]
Caixa	[kejja]	/Caxa/	[kajja]
Faixa	[fajja]	/Faxa/	[fajja]
Caixão	[kajjãw]	/Caxão/	[kajaw]

Fonte: Dados da pesquisa

Nas palavras ilustradas no quadro 2, os ditongos são decrescentes. Por essa razão, há uma maior facilidade em monotongarem, sobretudo em falantes cuja língua materna seja uma bantu. Segundo Bisol (1996, p. 56), o português não tem ditongos crescentes usando como principal argumento para essa afirmação o fato de que a glide, na sequência GV, normalmente estar em variação livre com a vogal homorgânica, afirmando em tom coletivo que o ditongo crescente é, pois, sempre resultado de ressilabificação.

Assim, a sequência glide-vogal é o resultado da ressilabificação pós-lexical, ou seja, os ditongos crescentes não fazem parte do inventário fonológico do português, e surgem da fusão de rimas das suas sílabas travadas, enquanto VV é uma sílaba aberta. Por este fato, há uma grande facilidade destas palavras monotongarem. Nestes ditongos a ocorrência dá-se por serem ditongos leves e propensos à monotongação. Esta é a principal razão para o fenômeno em excerto.

Quadro 6: Ditongos em /-ou (ow) /

PALAVRA	Transcrição Fonética PE	Transcrição fonológica	Transcrição Fonética PA
Pouca	[powka]	/Póca/	[poka]
Tesoura	[tezowra]	/Tezora/	[tezora]
Touro	[towro]	/Toro/	[toro]
Outro	[owtro]	/Outro/	[otro]
Ouro	[owro]	/Oro/	[oro]
Trouxeram	[trowjeram]	/Troxeram/	[trojeram]

Fonte: Dados da pesquisa

Dentre os ditongos analisados neste quadro, verificamos que o apagamento da semivogal prevaleceu nos ditongos /ow/, como nos exemplos: *pouca* (*poca*), *trouxeram* (*troxeram*), *ouro* (*oro*). Esta forte tendência à redução do ditongo /ow/ pela vogal simples /o/ é justificada pela ocorrência que se dá pela assimilação perfeita entre a vogal posterior média fechada [o] e a semivogal posterior [w], predominando assim a primeira. O processo de monotongação do ditongo [ow] é uma mudança em progresso que se encontra em avançado estágio.

Em nosso entender, o apagamento ocorre significativamente pela tendência que os falantes das línguas bantu trazem, por estas línguas serem monotongadas, ou seja, não propensas ao ditongo. São fortemente influenciados e por meio da equivalência linguística, transportam este fenômeno ou tendência.

Quadro 7: Ditongos em /-ei e em -ie /

PALAVRA	Transcrição Fonética PE	Transcrição fonológica	Transcrição Fonética PA
Peixe	[pejfi]	/Pexi/	[péfi]
Prateleira	[pratəlejra]	/Pratelera/	[pratelera]
Manteiga	[mãtejga]	/Mantega/	[mantega]
Beijo	[bejʒo]	/Bejo/	[beʒo]
Feira	[fejra]	/Fera/	[fera]
Série	[seri]	/Sére/	[Sere]
Peneira	[pənejra]	/Penera/	[penera]

Fonte: Dados da pesquisa

Neste quadro, os ditongos tendem a monotongar mais no português angolano que no português europeu, pois que a sua ocorrência não é tão motivada como nos outros casos. Aqui o falante europeu do português tem maiores possibilidades de evitar a monotongação ao passo que o falante do português angolano não. É notável a diferença entre as línguas nacionais de origem bantu e o PA, como se pode verificar abaixo": a) Não existem propriamente ditongos, mas certos agrupamentos de vogais que pela pronúncia ou contração dão origem a um som diferente; b) PA Monotongação dos ditongos ei>ê e ou>ô. Ex: [pe'rera], [‘oro].

São, efetivamente, estas as razões que influenciam a ocorrência deste fenômeno nos ditongos em português falado em Luanda. Outrossim, a ocorrência do ditongo em monotongo dá-se, às vezes, como uma variação fonética, de facilidade de articulação, isto sobretudo aos falantes cuja língua materna não é uma bantu, pois que é mais fácil pronunciar a palavra sem a semivogal na economia do tempo no discurso do que a palavra completa. Ora, estudada como uma marca sociolinguística e dialectal, neste

âmbito, constatamos falantes cuja língua materna é uma bantu, a que por natureza estas línguas são monotongadas por não apresentarem semivogais, os falantes incorrem ao fenômeno de monotongação através do processo de transferência linguística, transferem elementos da língua que está ou não desativada para a língua que está a ser falada.

Conclusão

O percurso sobre a descrição fonético-fonológica da monotongação no português de Angola como influência das línguas bantu, visou primeiramente explicar alguns conceitos implicados ao mesmo, em seguida analisar fonética e fonologicamente o aludido fenômeno, o qual procuramos estabelecer as implicações que o mesmo traz no seio da língua portuguesa.

Feita a relação entre a língua portuguesa e as línguas bantu no contexto angolano, a determinação do valor social que cada uma ganha é definida pelas formas linguísticas que se contrapõem. Por isso, esta interação é importante no sentido em que cada uma dá suporte à outra por empréstimos de palavras e influenciam no plano fonético-fonológico, ou seja, no plano da pronúncia das palavras. Por meio desta interação, muitas palavras ganham sonoridade de outras, o que é completamente normal, pois que as palavras se revelam no momento em que as expressamos como um produto de interação viva das forças sociais que confluem no indivíduo.

Podemos compreender que a monotongação é um fenômeno linguístico e social, que surge na fala dos sujeitos falantes ao longo de processos de diversas ordens, como histórico, social, cultural e outros. Está inerente em quase todos os membros da comunidade linguística angolana, embora seja mais recorrente em certos indivíduos em relação aos outros, dada a convivência dos mesmos com mais de uma realidade linguística, sobretudo de matriz bantu.

É importante valorizar a diversidade linguística dentro da língua portuguesa a fim de entender o fenômeno da monotongação e permitir o reconhecimento da identidade linguística do sujeito a par do seu desenvolvimento emocional e cognitivo. Nessa visão, pelo fato de a monotongação ser frequente na fala, é necessário propor atividades que propiciem a identificação do fenômeno e de seu uso, com apoio de fonte especializada, para servirem de auxílio no trabalho desse processo na escrita.

Portanto, pensamos que a variedade e dimensão das mudanças em curso ou já estabilizadas no português de Angola, que os estudos descritivos, em número crescente, parecem apontar para a necessidade de se assumir que já há uma norma do português

de Angola, e que as características fundamentais desta variedade, já evidentes na norma culta, devem ser assumidas na norma padrão, diminuindo, assim, as diferenças entre a norma ideal e a norma real e facilitar o ensino tendo em conta uma visão mais realista.

Referências

Anselmo, M. D. *Monotongação: um processo variacionista na prática escolar*. Guarabira-PB: Biblioteca Setorial De Guarabira/UEPB, 2011.

Bisol, L. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUC – RS, 1996.

Câmara Jr. J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

Carlos, G. A. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

De Aragão , M. *Ditongação e monotongação nas capitais brasileiras*. In: J. Pessoa (Ed.), 2014.

De Souza, T. M. *Glossário de linguística Comparada*:

Faculdade de Letras da UFMG. Belo Horizonte, 2011, [s.n.]. Disponível em:

<https://slidex.tips/download/glossario-de-linguistica-comparada>. Acesso em: 02 jun. 2022.

7Graus. Significa. Disponível em: <https://www.significados.com.br/descricao/>. (22 de Março de 2011). Acesso em 26 de 04 de 2020.

Disponível em: https://www.pt.m.wikipedia.org/wiki/transcricao_fonetica. (15 de 01 de 2001). Acesso em 26 de 04 de 2020, disponível em wikipedia.org.

Dos Santos, C. M.; Almeida , M. E.; Rodrigues, M. L. (sine date). *monotongação e ditongação no Português: Um estudo Diacrónico*. São Paulo 2008.

http://www.filologia.org.br/vii_sinefil/COMPLETOS/Monotonga. Acesso em: 03 jun. 2022.

Sassuco, D. P.. Leite, B. *Línguas atuais faladas em Angola*: Florianópolis: NUER–Núcleo de Estudos de Identidades e Relações Interétnicas, 2015.

Faraco, C. A. Considerações sobre a nominalização em português - III. *Revista Letras*, [S.l.], vol. 33, dez. 1984. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19316>>.

Acesso em: 09 ago. 2022.

Fernandes, J.; Ntongo, Z. *Angola: povos e línguas*. Luanda: Editorial Nzila, 2002.

Foucault, M. *As palavras e as coisas*. Trad. Selma Tannus Muchall. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Guthrie, M. *The Classification of the Bantu Languages*. The International African Institute by the Oxford University Press, Oxford. 1948.

- Labov, W. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- Lakatos, E. M.; Marconi, M. de A. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- Massango, C. C., *Análise comparativa da sílaba em português europeu e nas línguas Bantu*. Universidade de Aveiro, 2016, [s.n.]. (Dissertação de Mestrado). Disponível em: <http://hdl.handle.net/10773/26887>
- Mateus M; Rodrigues C. A vibrante em coda no português europeu. In: Freitas T.; Mendes A. (Org.). *Actas do XIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Colibri; 2004. p. 289-299.
- Gerhardt, T. E.; Silveira, D.T. *Métodos de pesquisa*. Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- Ngunga, A.; Simbine, M. C. *Gramática descritiva da língua changana*. Maputo: CEA, 2012.
- Ngunga, A., *Introdução à Linguística Bantu*. Maputo: Imprensa Universitária, 2004.
- Porto Editora – influenciar no Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora. (2003). Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/influencias>. Acesso em: 12ago.2022.
- Silva, P.C.; Sousa, A. O. Língua e sociedade: influências mútuas no processo de construção sociocultural. *Revista Educação e Emancipação*. São Luís, vol. 10, nº 3, set/dez.2017.
- Trask, R. L. *Historial Linguistics*. [s.l.]. Editora Arnold, 1996.
- Undolo, M. E. da S. *Caracterização da norma do Português em Angola*. Évora: Universidade de Évora, 2014.
- Viti, N. V. *Interferência linguística do umbundu no português e respectiva aprendizagem*. Lisboa: Universidade de Nova Lisboa, 2012.
- Xavier, M. F.; Mateus, M. H (Org.). *Dicionário de termos linguísticos*. Vol.I. Lisboa; Edições Cosmos, 1990.
- XVII Congreso Internacional Asociación De Lingüística Y Filología De América Latina (ALFAL 2014)*. Paraíba: Universidade Federal do Ceará/Universidade Federal da Paraíba.
- Zau, D. G. D. *A língua portuguesa em angola um contributo para o estudo da sua nacionalização*. Universidade da Beira Interior, Covilhã, Agosto de 2011.

Tabela de palavras utilizadas para fazer a comparação

Ditongos em –ou	Ditongos em –ei	Ditongos em –ai, --ia e em –io
Couro (coro)	Carneiro (carnero)	Baixa (baxa)
Ouro (oro)	Queijo (quejo)	Faixa (faxa)
Besouro (besoro)	Feira (fera)	Caixão (caxão)
Touro (toro)	Peixe (pexe)	Encaixe (encaixe)
Trouxeram (troxe)	Dinheiro (dinhero)	Ideia (idea)
Pouco (poco)	Manteiga (mantega)	Colégio (colejo)
Lavoura (lavora)	Feijão (fejão)	Pátio
Caloiro (caloro)	Ameixa (amexa)	Sério
Outro (otro)	Deitar (detar)	Preferência
Estou (esto)	Peneira (penera)	Referência
Roupa (ropa)	Grosseiro (grossero)	Inteligência
Coisa (cosa)	Freira (frera)	Ciência
Vou (vo)	Endireitar (enderetar)	Permanência
Ouvir (ovir)	Teimoso (temoso)	Tédio
Depois (depos)	Esteira (estera)	Silêncio

Recebido em: 17/08/2022

Aceito em: 20/09/2022

Para citar este texto (ABNT): KATALA, Celestino Domingos; PEDRO, João Domingos. Descrição fonético-fonológica da monotongação no português falado em Angola como influência das línguas bantu. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.2, nº Especial, p.552-570, 2022.

Para citar este texto (APA): Katala, Celestino Domingos; Pedro, João Domingos. Descrição fonético-fonológica da monotongação no português falado em Angola como influência das línguas bantu. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 2 (Especial): 552-570.

Njinga & Sepé: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/njingsape>